

O Campo Lacaniano na Espanha

ANDRÉA BRUNETTO ENTREVISTA MANEL REBOLLO

No dia 24 de maio passado, no Palácio de Congressos da cidade de Tarragona, aconteceram as VIII Jornadas das Formações Clínicas do Campo Lacaniano na Espanha, intituladas "Amor, desejo e gozo no sintoma". E no dia seguinte, dia 25 de maio, a jornada da AePCL, intitulada "Avidez, proeza e simulacro na vida amorosa". Conjuntamente, ocorreu o terceiro debate preparatório para a assembléia da IF-EPFCL a realizar-se em São Paulo.

Tendo a oportunidade de participar desses eventos juntamente com os colegas espanhóis, surgiram-me muitas questões sobre a psicanálise na Espanha, o Campo Lacaniano, o funcionamento da Escola. Em função disso entrevistei Manel Rebollo, diretor de Estudos do Seminário de Psicanálise de Tarragona, AME da EPFCL, que abriu as jornadas e recebeu a todos tão calorosamente em sua cidade.

ANDRÉA BRUNETTO: Em função do que escutei em todas essas plenárias, falou-se muito que a Terapia Comportamental-Cognitiva está conquistando muito espaço na Espanha. Nós, brasileiros, vemos que há tantos grupos psicanalíticos na Espanha, tantas publicações, por isso gostaria de saber como a psicanálise tem enfrentado esse desafio.

MANEL REBOLLO: Em primeiro lugar, quero assinalar que o que direi nesta entrevista são minhas próprias opiniões, algumas compartilhadas com alguns colegas, outras com outros, porém não pretendo "representar" a opinião dos colegas espanhóis de nossa órbita lacaniana.

Pelo que diz respeito à dificuldade de inserção da psicanálise na Espanha, há distintas opiniões, às vezes encontradas entre os próprios psicanalistas, inclusive, diria mais, entre os psicanalistas do Campo Lacaniano na Espanha.

Por outro lado, há diferenças entre as distintas zonas geográficas. Tenham em conta que as políticas de governos autônomos em alguns lugares, como no País Basco, Catalunha, Galícia,

etc. podem, em ocasiões, ser distintas das políticas de caráter estatal. Isso em função dos acordos que existem em cada lugar entre ambas administrações. Às vezes são partidos de orientações distintas e isso acarreta políticas distintas, porém, ainda assim, tenho de considerar que nenhum dos grandes partidos políticos governantes facilita as coisas para a psicanálise. Se em algo estão de acordo é no favorecimento das teses comportamentais-cognitivas. E isso tanto em psiquiatria quanto em psicologia. E, fundamentalmente, nas instituições sanitárias de caráter público. Assim, os dispositivos públicos de Saúde Mental tornam cada vez mais difícil, e não só para a psicanálise, a escuta do sujeito, a clínica em seu sentido mais genuíno. Trata-se fundamentalmente de produzir informes estatísticos, com os quais se dê conta, a partir de certos critérios prévios, de quantos pacientes se recebem, a quantos é dada alta em um período de tempo preferentemente breve, e em economizar meios, tempo e dinheiro no tratamento. Cabe acrescentar que os mesmos altos cargos dos dispositivos de Saúde Mental têm de responder ao pedido de satisfazer índices de resultados estimados em números, porcentagens, etc. É preciso “enquadrar” as expectativas, seja como for. Portanto as distintas modalidades de “trapacear” os resultados estão na ordem do dia. Um diretor de Ambulatório de Saúde Mental deve ser, hoje em dia, um bom gestor em economia e, fundamentalmente, em números.

Isso se traduz no primado dos seguintes procedimentos:

1. Um incremento notável do uso sistemático de fármacos, com freqüência de caráter preventivo, ou seja, antes de haver um diagnóstico. A ingestão de fármacos pode ter a vantagem de fazer desnecessário um tratamento “psicoterápico”, sempre muito mais complicado e de escassa eficiência;

2. Em compensação, os trabalhos educativos, de programação de tarefas, de consecução de objetivos a curto e longo prazo, possibilitam que, com freqüência, se possam encomendar trabalhos terapêuticos a assistentes sociais, quando os psiquiatras ou psicólogos estão demasiado ocupados. Eles se aperfeiçoaram no aliciamento de pais e familiares acerca de como devem tratar seus filhos ou familiares para melhorar a situação. E isso serve para todo tipo de transtorno, tanto de caráter neurótico como psicótico. Aliás, tais categorias não têm nenhum lugar na classificação nosológica.

3. Por outra parte, e para terminar, promovem-se programas de atividades esportivas, culturais, ocupacionais, e outros, para “socializar” melhor os indivíduos e produzir melhor efeito de identificação grupal (anoxéricas, vítimas de bullying, e outras “modernas” categorias diagnósticas) que facilitam a cada um encontrar seu lugar no enxame “diagnóstico” como convém a eles. É a prática aliviadora da globalização, que não cura, porém tranqüiliza aos operários dos dispositivos clínicos.

Tais tarefas se levam a cabo, desde logo, na prática atual dos Ambulatórios de Saúde Mental de Catalunha e, para executar melhor tais incumbências, é preferível que os candidatos a ocupar lugares de trabalho não sejam psicanalistas. É comum que haja nos informes “desestímulos” de candidaturas, que alegam outros fatores: “demasiada experiência privada”, “você não tem o perfil que necessitamos”, etc, como com frequência se responde a candidatos de longos anos de experiência clínica, porém.....eminentemente psicanalítica.

Na mesma linha, atualmente, exige-se o título de “Especialista em Psicologia Clínica”, para aqueles psicólogos que desejam trabalhar no serviço público. O título, para os novos graduados, supõe ter passado pelo PIR (Psicólogo Interno Residente). Entrar nesses programas requer passar em alguns exames preparados por psiquiatras e psicólogos da linha comportamental-cognitiva. Vale a pena explicar que, na Espanha, o projeto de formação em PIR está nas mãos de médicos psiquiatras, assim os psicólogos, no que diz respeito à formação dos novos graduados, têm funções submetidas aos critérios médicos.

Também cabe dizer que nunca houve na Espanha tantos psicanalistas como agora, nem tantos lacanianos, e não se falava tanto de psicanálise nos diferentes fóruns culturais, universitários, artísticos, de *mass media*, como atualmente. Podemos dizer que a chegada dos alunos e analisantes de Lacan nos anos 80 e 90 à Espanha, facilitou em progressão geométrica a boa acolhida da psicanálise. Considero, inclusive, que boa parte das últimas políticas colocadas em jogo pelo poder psiquiátrico e psicológico consistiram em uma verdadeira reação ao ‘bem fazer’ da psicanálise na Espanha durante os últimos anos. Porém, desde já, haveria muito que discutir a respeito.

Na minha opinião, os verdadeiros desastres de tudo isso se

evidenciam na clínica. Pessoalmente, cada vez mais, recebo mais pacientes indicados por colegas que trabalham nos ambulatorios públicos, por não poder atendê-los com a frequência necessária ou com a atenção requerida.

ANDRÉA BRUNETTO: Gostaria que explicasse aos leitores brasileiros como a psicanálise foi criada na Espanha e como se encontra hoje. Poderia fazer um pequeno panorama histórico que alcançasse até o Campo Lacaniano?

MANEL REBOLLO: Embora tenha havido momentos de certa importância no aparecimento da psicanálise na Espanha, a partir das primeiras incursões por parte de Ortega y Gasset, traduzindo, em seu tempo, a obra de Freud, creio que foi nos últimos vinte anos que se levou a cabo um verdadeiro desenvolvimento da psicanálise em nosso país.

Para se informar medianamente bem, tem-se a obrigação de ler alguns trabalhos, como os de Carmem Gallano e Joan Salinas, entre outros, presentes no número 1 das Atas, publicação da primeira jornada de trabalho da AePCL: "História da Psicanálise na Espanha", acontecida em Madri, em 13 de janeiro de 2001, quando nosso Campo Lacaniano começava a dar seus primeiros frutos. Tal trabalho tem por título, precisamente, "O movimento lacaniano em Espanha".

Após essas referências, direi algumas coisas mais que têm relação com minha apreciação subjetiva das coisas.

A chegada do primeiro grande desembarque de cidadãos argentinos, ao longo dos anos 70, trouxe à Espanha, principalmente a Madri e Barcelona, a obra de Lacan. É certo que Lacan havia estado em Barcelona, trazido pelo Dr. Sarro, porém a chegada dos colegas do outro lado do Atlântico, onde Lacan era bem conhecido, nos beneficiou a todos. Entre os recém-chegados não quero deixar de nomear Marcelo Ramirez Puig, um dos fundadores do campo lacaniano na Espanha – cujo decesso nos anos 90 foi um duro golpe para todo o movimento lacaniano espanhol. A proximidade com Paris trouxe a possibilidade de analisar-se e estudar com os analisantes e alunos de Lacan. Nós pudemos, assim, começar a saber, via Argentina – dos aportes de Lacan na psicanálise, depois de havermos despertado do

franquismo, no qual tão pouca ocasião houve para se conhecer algo da psicanálise.

Minha incorporação às filas do movimento lacaniano deu-se com a criação do “Pacto Psicanalítico de Barcelona”, onde encontrei Joan Salinas, Rithée Cevasco, Pep Monseny, Clotilde Pascual e muitos outros, e com eles formamos o Círculo Psicanalítico da Catalunha, o qual se reuniu com os que saíam da Biblioteca Freudiana e, sob os auspícios de Jacques-Alain Miller, veio a se chamar “O Grupo Único do Campo Freudiano” em Barcelona. Foi precursor da “Escola Européia de Psicanálise”. Esta instituição apareceu como um símile da “École de la Cause Freudienne”, e sua “Seção de Catalunha” foi, sem sombra de dúvida, a instituição lacaniana mais forte no país durante os dez anos do “reinado” de Jacques-Alain Miller na Espanha. Havia, então, já uma seção potente em Madri, outra no País Basco e outra em Galícia. E, ainda, outros grupos em Andaluzia, Valência e Astúrias. Tenho comigo o orgulho, pleno de desgostos menores, de ter contribuído naquele momento para a criação do “Grupo de Estudos Psicanalíticos de Astúrias” (GEPAS), da Escola Européia de Psicanálise, em cuja construção estiveram presentes Rithée Cevasco, Jacques-Alain Miller, Paco Estévez e outros. Seu destino, posteriormente, foi o Fórum Psicanalítico de Astúrias, agora no Campo Lacaniano.

Foi uma época de muito trabalho, de estudo, um período muito produtivo e florescente. Jamais reneguei o muito que aprendi no Campo Freudiano. Agradecido e orgulhoso me sinto desse pertencimento, que supus fundamental para minha vida profissional e de neurótico desejante, para poder passar logo a ser um analista desejante, um pouco menos neurótico. Posso dizer que aprendi a trabalhar no Campo Freudiano. Ainda hoje sou da opinião de que o êxito de trabalho na EEP, em parte se deveu ao caráter trabalhador dos catalães. E isso foi bom para Jacques-Alain Miller e para a AMP no geral. Era um grande entendimento entre o sintoma catalão e o imperativo Miller.

Logo chegaram os problemas. Os sintomas vão se curando nas análises (alguns sintomas e em algumas análises), e a “maioridade” chegava para muitos, e com ela os problemas com a autoridade – isso se passa com os adolescentes – que se agravam, pois, como são analistas, chegam tarde a tudo, também à “maioridade”.

E certo que as conversações – como Miller chamava simpaticamente a seus solilóquios – mantidas com os colegas de Madri e Barcelona, começaram a colocar mal as coisas e, assim, ficaram manifestos muitos mal-estares existentes desde longo tempo, mas que o bom trabalho conseguia acalmar. Nisso devo reconhecer que Miller era um grande mestre. Sabia fazer trabalhar e tirar o melhor de cada um. Sabia ser Um, grande e livre, como reza o *slogan* do fascismo espanhol. Porém, a partir da Conversação de Madri, os espanhóis deixaram um pouco de trabalhar e se puseram a pensar e a decidir, e isso trouxe conseqüências: a assembléia da AMP em Barcelona foi o momento de cisão. Tudo estava perfeitamente orquestrado e calculado. Recordo como Miller dominava tudo. Decidia quem podia intervir, como e quando. Não havia nada a fazer senão ir-se.

Assim começou o movimento “cubano”. No Hotel Havana, em Barcelona, alguns de nós se reuniam entre o congresso e a assembléia da AMP. Por isso fomos chamados “os cubanos”.

Colette Soler, depois, devo dizer, decidiu liderar o movimento e criamos os primeiros Fóruns, as Formações Clínicas e, mais tarde, a IF.

Isso ocorreu dez anos após a fundação da Escola Européia de Psicanálise. No momento de sua fundação, Miller propôs que, ao final dos dez anos, deveria ser estabelecida a possibilidade de sua dissolução, caso as coisas não estivessem funcionando bem. Como, por exemplo, a dissolução da Escola de Lacan. Porém logo retirou tal possibilidade. Recordo-me de lhe ter perguntado uma vez a respeito e respondeu-me que era muito complicado estabelecer a dissolução, como se nunca o tivesse dito antes. Estranhei, inclusive, com que facilidade muitos colegas catalães haviam esquecido o tema, presente em nossas primeiras reuniões constituintes. Porém o foracluído do simbólico reaparece no real, o reprimido retorna – como queiram pensar – e dez anos depois houve a cisão.

A constituição do Campo Lacaniano na Espanha esteve também plena de lutas de poder desde o início. Posso recordar o primeiro *Cartel Èlargi*, precursor do Fórum Psicanalítico de Catalunha, na casa de Joan Salinas, o mesmo lugar onde se havia fundado anos antes o Pacto Psicanalítico de Barcelona. E onde mais tarde fundaríamos ACCEP (*Associació Catalana per la*

Clínica i l'Ensenyament de la Psicoanàlisi), que era então as Formações Clínicas da Catalunha.

Desde o início fez-se presente a inércia identificatória de alguns grupos com seus líderes, fazendo com que o Fórum Psicanalítico da Catalunha sofresse uma cisão: surgiram o Fórum Iniciativa-Escola (posteriormente Fórum Psicanalítico da Catalunha) e o Fórum Opção-Escola. Outros fóruns espanhóis foram decantando suas alianças com um ou outro dos fóruns barceloneses, e a regularização que introduziu a EPFCL acerca dos Dispositivos Locais de Escola (DEL) forçou certas alianças, e outra vez partiu-se o Campo Lacaniano na Espanha. Com estes distintos movimentos a coisa concluiu na criação da Federação Espanhola de Fóruns do Campo Lacaniano, atualmente com sete fóruns, e a associação FOE-Galícia. Nessa diversidade, cabe dizer que só em Galícia há quatro associações distintas dentro do Campo Lacaniano: três fóruns (um na FEF e outro em FOE-Galícia e outro fórum em nenhum lugar e uma associação psicanalítica de Galícia, próxima a FEF e a AePCL).

Vale a pena dizer que a AePCL fundou-se com a idéia de resolver essa divisão primeira do Campo Lacaniano na Espanha. E essa pretensão, falida, incorporou, um a um, todos os componentes dos distintos fóruns espanhóis, conseguindo assim, um único lugar para debater diferenças e resolver problemas, seguindo o modelo do fórum francês: um para toda a França. Porém fracassou, pois não foi aceito por todos os colegas do posterior FOE-Galícia nem pelos colegas franceses, que quiseram ver na AePCL um inimigo, ao supor o poder de reunir os espanhóis fora da autoridade francesa.

Depois a AePCL quis tomar outros rumos, mas o fracasso inicial seguiu marcando seu destino.

Por outro lado, o que no princípio parecia ser uma fratura entre dois grupos de fóruns espanhóis, com o tempo acabou se revelando outra coisa: a Federação alcança já sete fóruns e reúne 175 membros. FOE-Galícia conta atualmente com 54 membros, e ainda há mais dois fóruns – Málaga e Noroeste de Galícia – que decidiram segregar-se de FOE-Galícia, depois de tê-lo feito Valência, que se uniu à federação. E Euskal-Herria desapareceu. Desse modo, tem havido um duplo movimento: a federação segue crescendo e somando, dando lugar a novos fóruns, e FOE-

Galícia segue fragmentando-se e diminuindo. As conclusões disso serão de cada um.

ANDRÉA BRUNETTO: E qual a importância desses encontros em Tarragona para as Formações Clínicas do Campo Lacaniano na Espanha, para a AePCL e para a teoria e a clínica psicanalíticas?

MANEL REBOLLO: Nessa ocasião, como em ocasiões anteriores, tem havido dupla jornada: no sábado, dos Colégios Clínicos e, no domingo, da AePCL. São jornadas separadas, distintas, porém consecutivas. A primeira é organizada pelo Seminário de Psicanálise de Tarragona-FCCL, porém trata-se de uma jornada anual de “fim de curso” das distintas FCCL em Espanha: Jakinmina (País Basco); ACCEP (Associação Catalã para a Clínica e Ensino da Psicanálise), de Barcelona; Fórum Psicanalítico de Astúrias; Colégio de Clínica Psicanalítica de Valência; Colégio Clínico de Madri; Associação Psicanalítica de Galícia e Seminário de Psicanálise de Tarragona. Também os Colégios Clínicos têm tido o mesmo desenvolvimento fragmentário dos fóruns. FOE-Galícia conta com suas atividades no estilo FCCL, que se realizam entre eles, em Galícia e Barcelona, porém sem nenhuma relação com nossa rede de FCCL. Cansado de tanto problema com as siglas e os significantes que apresentamos, a esta VIII jornada decidi chamar “das Formações Clínicas do Campo Lacaniano na Espanha” e assim a anunciei na rede da IF. E ninguém disse nada. Conto isso porque, na Espanha, existem também outras FCCL, mas deve-se poder usar os significantes, senão não há como entender quem somos e onde estamos. Enfim, seguimos com o que temos.

Há três anos as Formações Clínicas decidiram fazer suas jornadas na mesma data que a da AePCL e cada uma deveria fazer a sua. Optamos, então, por organizar as duas conjuntamente. Primeiro essa coordenação foi bem recebida, porém mais adiante, a partir da criação da federação, a AePCL foi novamente vista como inimiga, no caso, pela Escola, pela Federação dos Fóruns e, por extensão, pela IF. Assim, temos nos mantidos “juntos porém revoltos” até este ano. Agora terminou: daqui em diante a AePCL organizará sua jornada em datas e lugares diferentes das FCCL, conforme decidido na última assembléia da AePCL, aqui em Tarragona, dia 24 de maio passado.

As Jornadas das FCCL têm um caráter marcadamente de ensino e o fato é que, apesar dos esforços feitos, não conseguimos apenas que haja “alunos” entre os que apresentam trabalhos: quase sempre são docentes. Mesmo assim têm servido para pessoas de outras áreas se aproximarem da psicanálise e, posteriormente, poderão se inscrever nos seminários do lugar. Nesse sentido posso dizer que, nesta jornada de Tarragona, intitulada “Amor, desejo e gozo no sintoma”, e que teve o luxo da participação de nossa colega brasileira Alba Abreu Lima - a quem nunca agradecerei suficientemente ter aceito nosso convite - aproximaram-se outros colegas psicanalistas, psicólogos, que não tinham vindo até agora aos seminários de Tarragona, apesar de informados sobre eles. Acredito que irão fazê-lo depois dessa jornada, pois foi considerada por eles como de bom nível científico e de debate. Portanto, serviu para a aproximação entre a psicanálise e os psicanalistas. Ou seja, a maioria deles eram psicanalistas de outras tendências, curiosos por Lacan, que até agora não tinham encontrado um motivo atraente para somar-se ao nosso trabalho, apesar de já terem se aproximado do Campo Freudiano e de outros grupos mais ou menos lacanianos.

A Jornada da AePCL, também a VIII, foi intitulada “Avidez, proeza e simulacro na vida amorosa”. Nela, aposta-se em outro estilo, não tanto em relação ao ensino, quanto na aproximação com a cultura, a atualidade, a cidadania, tentando abordar outras temáticas na visão psicanalítica, agora de um modo mais “interativo”. E costuma dar certo. Desta vez você mesma o comprovou: tivemos, inclusive, projeção de filme. E também tivemos sua preciosa colaboração.

Tenho orgulho de dizer que se trata da primeira ocasião em que as jornadas das FCCL-Espanha e da AePCL internacionalizaram-se. E graças ao Brasil. Na Espanha, isso só ocorreu na Tarraco de 2008, já pós-romana. Conste também que esta foi a capital da Hispania que os romanos construíram.

No próximo ano será Madri quem organizará as IX jornadas das FCCL-Espanha e da AePCL, decidirá a Junta Diretiva no momento certo. Separamos águas para nos encontrarmos em outros mundos, ou para nos desencontrarmos neste mesmo. Quem o sabe?

Há três anos houve outra jornada da AePCL em Tarragona, que durou todo o fim de semana, pois não coincidia com

a das FCCL. Com efeito, foi precisamente o que possibilitou constituir aqui um seminário de textos e de casos, e com nosso Colégio Clínico - Seminário de Psicanálise de Tarragona – que tive a honra de dirigir até esse momento em que Isidre Bosch o assumirá. Devo dizer da boa vontade que sempre teve conosco Montserrat Pallejà. Nós três produzimos bons resultados e por isso contamos agora com um Colégio Clínico e com um fórum da IF. As atividades vão tendo paulatinamente um aumento, o que não se dá sempre em nosso meio. É uma sorte que espero que dure bastante tempo.

ANDRÉA BRUNETTO: Agradeço por ter podido participar com vocês dessa jornada, para mim foi uma grande alegria. Mas continuemos. Lendo os dossiês preparatórios para a assembléia de São Paulo, percebi a preocupação com a inserção da psicanálise na Espanha.

MANEL REBOLLO: Como já disse anteriormente, as posições políticas na Espanha, que se dão desde o poder administrativo, não são nada favoráveis à psicanálise. Por um lado, não há nenhum tipo de legislação nem de debate político acerca da figura do psicanalista, de sua diferença com outras categorias, como psicoterapeuta, psicólogo ou psiquiatra. Digamos que qualquer um neste país pode chamar-se psicanalista sem que ninguém possa pedir-lhe explicações a respeito. Inclusive li essa designação entre leitores de Tarot e outras espécies de “parapsicologia”. Em outra ordem de coisas, a recente legislação administrativa acerca da Formação de Psicólogos, em particular especialistas em Psicologia Clínica, está nas mãos de psiquiatras, em primeiro lugar; e em segundo lugar, nas dos psicólogos de orientação comportamental-cognitiva, com uma clara vontade de excluir a psicanálise da formação para o PIR (Psicólogo Interno Residente), que será mais adiante a única maneira de conseguir o título de Especialista em Psicologia Clínica. Tudo isso está acontecendo sem debate nenhum, são rumores nos corredores dos ministérios e nada mais. Não há modo algum de conseguir que políticos e psicanalistas, na Espanha, sentem-se para tratar do tema: para começar, não existe nenhum reconhecimento da “classe” psicanalítica na Espanha, como acontece na França, Argentina e Brasil. Tampouco entre os psicanalistas de

distintas opções, há esse reconhecimento mínimo para constituir uma plataforma que oriente o debate. Houve um momento em que a AePCI quis tomar uma iniciativa a respeito, porém não teve *quorum*, nem sequer entre seus membros, nem tampouco uma verdadeira iniciativa debatida e orientada para isso. Por outro lado, os Colégios Clínicos e sua atual federação tentaram, às vezes, tratar do tema, porém é assombroso o silêncio que se dá a respeito. Não há nenhuma política em jogo, e só debatemos entre nós acerca de temas menores com que nos enfrentamos.

Em seu lugar, tem aparecido o tema da formação em psicoterapia psicanalítica. Curiosamente, as associações têm tomado iniciativas ante o inquietante do tema: uma de psicoterapeutas, a FEAP (Federação Espanhola de Associações de Psicoterapeutas), a qual reúne em suas fileiras a *tutti quanta* que se nomeiem como tal, das mais distintas procedências; e o Colégio Oficial de Psicólogos, que apostou em um título de psicoterapeuta homologado pela EFPA (Federação Européia de Associações de Psicólogos). Nessa tessitura, deu-se o caso do Colégio Clínico de Madri, que optou por oferecer o título de Psicoterapeuta da FEAP, porém logo decidiu sair porque resultava muito cara a inscrição e não obtinha maior número de alunos. Por outro lado, a ACCEP decidiu entrar na FEAP e reunir todas as condições que lhe permitiriam dar o título “Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica”, o que implicaria programas docentes de muitas horas letivas e em aumentar o número de associados. Isso levou ACCEP a pedir a outros colegas espanhóis para se tornarem membros da associação a fim de ter o número mínimo de associados “psicoterapeutas” necessários para a associação ser membro da FEAP. E atualmente o são. Esta política baseia-se no temor de que a psicanálise acabe desaparecendo dos dispositivos assistenciais públicos, e pensam que pela via da “psicoterapia psicanalítica” poderiam transmitir algo da psicanálise aos licenciados que desejem uma titulação para trabalhar como psicoterapeutas aqui ou lá. Eu, pessoalmente, estive na ACCEP desde sua fundação e saí no momento em que quis me dedicar por inteiro à constituição do Seminário de Psicanálise de Tarragona e ao Fórum Psicanalítico de Tarragona, que por sorte estão existindo sem demasiadas dificuldades no momento. De todo modo, dadas as diferentes sensibilidades em jogo nessa hora de pensar a psicanálise, as psicoterapias, a inserção social da

clínica do sujeito, é muito difícil para os psicanalistas do Campo Lacaniano na Espanha, estabelecer uma política coletiva coerente e voltada à preservação da “existência” da psicanálise no social, e em particular, na Saúde Pública. Primeiro temos de aprender a suportar um pouco melhor nossas próprias instituições, e a saber priorizar temas, debatê-los seriamente e atender aos diferentes critérios, em vez de formar filas antes da hora e sancionar o uso democrático do voto sem ter havido, suficiente debate e suficiente consenso em temas que podem supor novas crises em nossas alianças institucionais.

Por outra parte, resulta que, na Espanha, os Colégios Oficiais de Psicólogos têm desestimulado o título de psicoterapeuta da FEAP - cujo destino não sabemos qual será - e apostam na EFPA, de caráter europeu. Essa grande problemática tem relação, no fundo, com as novas políticas de caráter europeu, que perseguem legislações homologadas em todos os países da União Européia, o que precipita atuações de coletivos profissionais em uma ou outra região, quando as coisas não estão decididas no Estado. Por isso podemos considerar certas decisões de algumas associações psicanalíticas, nesse caso a de ACCEP, como um verdadeiro *acting-out*, pois promovem mal-estar entre seus membros e participantes no intento de resolver um problema que ainda não se produziu. Gera-se assim um novo problema sem resolver o anterior.

Ainda assim, estou convencido de que a psicanálise continuará, e ainda mais com essa condição de “excluída” dos dispositivos de saúde mental estatais, pois como dizia Lacan, duvido muito que os seres humanos sejam capazes de construir *gadgets* que funcionem sem falo, sem sintoma. Portanto isso vai permitindo que, a seguir, uma escuta seja possível. Ainda tão mal a saúde pública atual, com os procedimentos instalados nos serviços psiquiátricos e psicológicos de hospitais e ambulatórios que, por força, a psicanálise deverá acudir às demandas. Assim, direi ao revés de Lacan, ainda que no mesmo sentido: o fracasso previsível dos atuais programas de “Saúde Mental” poderá assegurar o êxito futuro da psicanálise lacaniana na Espanha.

ANDRÉA BRUNETTO: Segundo escutei, a psicanálise não tem muito espaço nas universidades. Essa é uma realidade bem

diferente do Brasil, onde muitos psicanalistas, inclusive do Campo Lacaniano, estão nas graduações de cursos de psicologia, em programas de mestrado e doutorado. Como ocorreu tal conjuntura? Acreditas que essa inserção faz falta para a psicanálise na Espanha?

Manel Rebollo: Já disse que na Espanha a psicanálise tem apenas um reconhecimento epistemológico próprio, nem sequer clínico, e haver psicanálise nas universidades espanholas depende de que os professores de psicologia, psiquiatria, antropologia, filosofia etc, sejam psicanalistas ou desejem fazer existir a teoria ou a prática psicanalítica como saber universitário. Em algumas universidades existem professores de Teoria Psicanalítica, como Joan Salinas, que é professor de Teoria Psicanalítica na Universidade do País Basco, em San Sebastián. Logo, há possibilidade de ser aceita uma pós-graduação ou um mestrado em psicanálise em alguma faculdade, ou cursos menores, que costumam ser efêmeros, como a pós-graduação de psicanálise que houve, por duas edições, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Barcelona, e onde a ACCEP conseguiu que alguns alunos se inscrevessem, porém sempre com *déficit*. Por isso foi suspensa. Também Mikel Plazaola, em algumas ocasiões, conseguiu que houvesse alguma pós-graduação em psicanálise e filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade do País Vasco, em San Sebastián. Insisto, porém, que a coisa anda mal. Faz-se notar a debilidade mental que impera no alunado universitário, e em grande parte dos professores, As fundações universitárias oferecem grande quantidade de cursos de pós-graduação em seus programas, entretanto todos estão em função de interesses empresariais. A universidade é agora, mais que nunca, joguete do capitalismo globalizado.

Ainda assim, alguns Colégios Clínicos, como nosso Seminário de Psicanálise de Tarragona, firmou convênios com universidades – em nosso caso a Universitat Rovira i Virgili – pelos quais nossos ensinamentos outorgam créditos de livre escolha que servem para os estudos universitários dos inscritos. Atraem aqueles que têm alguma curiosidade sobre a psicanálise e querem o reconhecimento da faculdade. De qualquer modo, minha opinião é que a formação psicanalítica passa por um momento crítico na universidade espanhola e está por chegar o momento

em que se consiga uma melhor posição, talvez com convênios e com uma política mais comprometida entre os Colégios Clínicos. Acredito termos de nos colocar na antropologia, filosofia etc, nas quais o pensamento ainda tem algum valor. O espaço para a psicanálise na universidade está para ser feito. Aliás, já se começa a fazer algo, mas não vai ser nada fácil. Veja-se ainda, mais claramente, o fracasso de “o outro” que agora impera: a comportamental-cognitiva e suas conseqüências, cujo êxito atual nos meios universitários e hospitalares reflete simplesmente o que foi imposto. E não seu êxito clínico, do qual ainda não há pesquisas conhecidas.

ANDRÉA BRUNETTO: Explique como funciona a Comissão Epistêmica da EPFCL na Espanha.

MANEL REBOLLO: Na Espanha existe a figura do representante no Colégio Internacional da Opção Epistêmica. Melhor dizendo, dos representantes: dois, um para cada uma das “zonas” de fórum. É outra das realidades, digamos, surrealidades, de nosso Campo Lacaniano na Espanha. Apesar das diferenças quanto ao que desenvolver, número de membros e de fóruns, em uma e outra zona – e estas diferenças vão se acentuando cada vez mais – coexiste a decisão de duas Espanhas, dois representantes, coisa que, espero, se acabe, pois assim como está só conseguimos assegurar a continuidade de uma fratura com, cada vez mais, menos sentido. Devemos acabar com ela em pouco tempo, senão nos arriscamos a fazer de um problema “temporal” um lastro perpétuo e sem solução possível, nem sequer a longo prazo. Minha opinião é: agora ou nunca.

O mais divertido é que surge a possibilidade, tal como funciona a votação, de que ambos os representantes possam ser do mesmo âmbito, porém na federação não sabemos usar o voto com a disciplina com que o fazem no FOE-Galícia. E isso nos tem impedido, até agora, de encontrar soluções definitivas. Porém tudo caminha.....

De qualquer maneira, nunca estive nesse dispositivo, e minha informação é totalmente exterior, como qualquer membro mais ou menos informado. Não me chegaram notícias da produção de problemas insolúveis na Comissão Epistêmica.

ANDRÉA BRUNETTO: Pode explicar para os leitores brasileiros o que é F6? Para não soar como mais uma sigla, que aliás, já temos tantas. Parece-me uma reunião de fóruns, mas pode explicar?

MANEL REBOLLO: Depois do fracasso da AePCL, surgiu a sugestão de Colette Soler de anunciar na Espanha os primeiros quatros fóruns que se reuniam em DEL F4 (Fóruns de Barcelona, País Basco, Astúrias e Andaluzia). Logo virou F5 (sem Andaluzia, pois incorporou-se a Barcelona, mais o de Santiago de Compostela e Valência que haviam cindido de FER, Atual FOE-Galícia). Contudo, não havia uma entidade jurídica para dar cobertura legal aos DEL (Dispositivos Locais de Escola). Decidimos – não sem algum mal-estar – constituir a Federação Espanhola de Fóruns – F5, que logo se chamou F6, com a constituição do Fórum Psicanalítico de Tarragona. E como há algumas semanas se constituiu o Fórum Psicanalítico de Madri com 28 membros – alguns dos quais já eram membros do fórum de Barcelona (FPB), logo seremos F7.

A dificuldade em nomearmos esbarra no fato de aqui, na Espanha, termos outro coletivo, inclusive com dispositivos de Escola próprios. A complicação foi não termos conseguido ser uma única associação espanhola de fóruns, sob a lei do Estado espanhol. Tal traço unário original dificulta nossa nomeação. O melhor seria “Federação Espanhola dos Fóruns do Campo Lacaniano”, porém para não molestar os vizinhos, o chamamos com esse nome pobre: F6, F7. Enfim.....

ANDRÉA BRUNETTO: Como ocorre o trabalho com os Colégios Clínicos?

MANEL REBOLLO: Os Colégios Clínicos, ou Formações Clínicas do Campo Lacaniano, apareceram na Espanha antes dos fóruns, pela necessidade, naquele momento pós Cisão de 1998, de dar respostas às pessoas que se aproximavam dos seminários e das sessões clínicas. Primeiro apareceu a ACCEP, em Barcelona, mas podemos dizer que era da Catalunha, pois tinha membros de Tarragona, Girona, inclusive Mallorca. A necessidade de não “perder” o ensino, verdadeiro motor e porta de entrada para os fóruns, pôs em relevo a urgência de criar as Formações Clínicas,

constituídas com membros dos fóruns que, por sua vez, também iam se constituindo ao mesmo tempo.

O trabalho nos Colégios Clínicos obedece à idéia da Seção de Psicanálise Aplicada, da Escola de Lacan de 1964, e procura oferecer ensinamentos regidos pela lógica da universidade. Ainda, há dois pólos funcionando na Espanha; no nosso F6, procuramos decidir um tema comum aos diferentes seminários dos distintos Colégios locais. Às vezes estudar um mesmo texto, dependendo do interesse de cada lugar. E a jornada de final de curso acontece em uma cidade. Neste ano, na oitava edição, aconteceu em Tarragona. Os presidentes dos distintos Colégios formam a Comissão Científica da jornada, decidem seu título e sua organização, deixando sempre nas mãos da cidade organizadora as últimas decisões. Durante as jornadas procuramos ter sempre nossas reuniões na Junta Diretiva dos Colégios. Pensamos publicar anualmente as atas das jornadas, como já se fez no ano anterior, em Valência, por sua própria conta. E buscamos mais pontos de encontro, embora não todos os Colégios funcionem do mesmo jeito. Em algumas cidades, como Barcelona, Colégio e Fórum são entidades distintas, compartilhando um local, porém com certas diferenças entre eles. Em Astúrias há o Fórum que tem, entre suas atividades, algumas de caráter de Colégio Clínico. Em Galícia há somente Colégio, sem fórum; e em Santiago, um fórum sem Colégio. Ambos compostos por membros distintos. Alguns membros do Colégio de Galícia são, atualmente, membros do fórum de Barcelona e da AePCL. Jakinmina, Colégio Clínico do País Basco, está intimamente ligado ao Fórum do País Basco. O Colégio de Psicanálise de Madri é composto de membros do fórum de Barcelona e outros que não estão em nenhum fórum. O SPsT, Seminário Psicanalítico de Tarragona, foi formado por três membros: Isidre Bosch, Montserrat Pallejà e eu mesmo. A partir disso formou-se nosso fórum, que já conta com onze membros. Assim, cada Colégio Clínico tomou sua decisão a respeito da relação com o fórum e vice-versa. São as distintas modalidades da Espanha lacaniana do século XXI. Em Tarragona coordenamos Colégio-Fórum-Escola sem maiores complicações. Outros lugares têm tentado fazer o mesmo, e acredito que, no geral, tendemos para isso. Os caminhos da psicanálise são bastante inextrincáveis.

Veremos o que acontece em São Paulo diante de todo esse

movimento. Creio que algum efeito se produzirá, ainda que paulatinamente. E creio, sem dúvida, serão para um melhor ordenamento e entendimento. Aposto nisso.

Tradução: Andréa Brunetto

resumo

Esta entrevista, feita após as Jornadas do Campo Lacaniano em Tarragona, expõe a situação da psicanálise na Espanha, a relação entre os fóruns e os colégios clínicos, a atuação nos ambulatórios de Saúde Mental; a inserção na universidade, a relação entre psicanálise e psicoterapias e as perspectivas futuras da psicanálise.

palavras-chaves

psicoterapia, saúde mental, história da psicanálise, Lacan.

abstract

This interview done after the Lacanian Field Meetings in Tarragona, features the psychoanalysis situation in Spain, the relationship between the forums and the clinical schools, the performance in the clinics of Mental Health; the insert in the university, the relationship between psychoanalysis and psychotherapies and the future perspectives of the psychoanalysis.

key words

psychotherapie, mental health, history of the psychoanalysis, Lacan

recebido

26/05/2008

aprovado

29/05/2008